

A HETERONÍMIA EM CYRO DOS ANJOS

Ana Carolina Rezende Leão¹**RESUMO**

A obra do escritor Cyro dos Anjos, densa, porém pouco numerosa, é composta de sete títulos, dentre eles *O amanuense Belmiro* (1937) e *Abdias* (1945), que serão vistos neste trabalho. Neste caso, terá relevância a questão da heteronímia que, embora pouco estudada, é importante para uma melhor compreensão de sua obra. Nos romances em forma de diário – *O amanuense Belmiro* e *Abdias*, o criador se retira de cena, deixando seus heterônimos Belmiro Borba e Abdias não apenas como personagens principais, mas como narradores e pseudo-autores dessas narrativas. A heteronímia é o estudo de autores que publicam obra com nome alheio, como se sua obra não lhe pertencesse, e sim pertencesse a esse outro "autor". É a análise das características próprias (biografia, estilo etc.) de cada "autor". Há, para cada uma dessas obras, uma escrita diferenciada, peculiar ao heterônimo em questão. Em razão de sua importância, será dada maior atenção a Belmiro, não apenas em seu romance-diário, mas, sobretudo, em algumas de suas crônicas publicadas em jornais mineiros, de 1933 a 1935. Também serão estudadas algumas crônicas assinadas pelo próprio escritor Cyro dos Anjos, de 1927 a 1956, intercaladas com as de autoria de Belmiro, totalizando aproximadamente 400 crônicas em processo de revisão para publicação. Para tanto, haverá uma análise da escrita desses heterônimos e da do próprio criador Cyro dos Anjos, com o objetivo de mostrar a função das *personae* criadas pelo escritor na sua articulação com os procedimentos artísticos empregados.

Palavras-chave: Literatura brasileira, Cyro dos Anjos, crônica, heteronímia.

¹ Graduanda em Letras pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Esta pesquisa foi orientada pelo prof. Dr. Wander Melo Miranda e desenvolvida no âmbito do Projeto Projeções do Contemporâneo na Ficção Latino-americana, no Acervo de Escritores Mineiros/Centro de Estudos Literários e Culturais/ FALÉ/ UFMG. E-mail: leaoanacarolina@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Algumas das obras de Cyro dos Anjos, como *O amanuense Belmiro* (1937), *Abdias* (1945) e as crônicas publicadas em jornais mineiros (de 1927 a 1956), nos levam a pensar na questão da heteronímia. Neste caso, abordaremos Eduardo Lourenço (1986) que, ao analisar essa estética em Fernando Pessoa, nos fornece panoramas para visualizá-la também em Cyro. Nesses diários que Cyro, escreveu não há a presença do escritor, mas de seus personagens-narradores que vieram a se tornar seus heterônimos: Belmiro Borba e Abdias. Nas obras em que esses heterônimos se tornam protagonistas há, para cada um deles, uma escrita diferenciada, peculiar a esses “autores”, ou “ser de papel”, como salienta Wander Melo Miranda (1992). Neste estudo, será dada relevância a Belmiro não apenas no romance-diário *O amanuense Belmiro* (1937), mas também nessas crônicas publicadas em jornais mineiros em meados da década de 30. Para tanto, haverá uma análise da escrita desses autores e da do próprio escritor Cyro dos Anjos, a fim de mostrar a heteronímia nos textos deste e as *personae* por ele criadas em consequência desse seu traço artístico. Uma análise, pois, será feita à luz de críticos como Antônio Cândido (2006) e Silviano Santiago (2006), bem como do próprio autor Cyro dos Anjos, principalmente em entrevistas concedidas à revista *Cadernos de Teoria e Crítica Literária* (1976).

ANÁLISE

O escritor Cyro dos Anjos (1906-1994), além de inúmeras crônicas, escreveu romances em forma de diário e memórias, bem como um livro de poesias que retrata uma experiência autobiográfica. À exceção dos poemas, todas essas obras são provenientes direta ou indiretamente das crônicas, hoje raríssimas, alocadas no Centro de Estudos Literários e Culturais (CELC), projeto Acervo de Escritores Mineiros (AEM) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais

(FALE/ UFMG), onde se encontram, também, sua biblioteca e parte do seu acervo pessoal e profissional. Lá podem ser pesquisadas todas as suas aproximadamente quatrocentas crônicas, datadas de 1927 a 1956, escritas nos jornais *A Tribuna*, *Estado de Minas* e *A Manhã*. O escritor publicou também algumas nos jornais *Folha de Minas*, *Diário de Minas*, *Correio Paulistano*, *Diário da Tarde*, *Gazeta do Norte*, *Minas Gerais* e na revista *O Cruzeiro*, ora assinadas com seu próprio nome, ora com pseudônimos, que surgiram a partir de 1933, os quais se tornariam, mais tarde, heterônimos.

A maioria dessas crônicas, e também as de maior peso literário, embora num menor intervalo de tempo, de 1933 a 1935, são assinadas com o pseudônimo de Belmiro Borba. A razão de Cyro usar esse pseudônimo era a existência, também em Minas Gerais, de um poeta cujo nome era Belmiro Braga. A razão parece ser mesmo apenas a existência desse autor, pois não havia de fato um argumento para que ele aproximasse o nome de seu pseudônimo ao desse poeta, já que nem mesmo era seu leitor; foi praticamente uma escolha aleatória. Esse pseudônimo, com a evolução e o delineamento do mesmo, foi tomando formas e traços de um personagem e, depois, de um heterônimo. Nota-se isso em uma entrevista de Cyro:

Assinava-as [as crônicas] com o pseudônimo de Belmiro Borba. Suponho que o prenome e os dois bês seriam inspirados pelo nome de um velho poeta de Juiz de Fora, muito popular em toda Minas: Belmiro Braga. Sucedeu que esses dois palmos de coluna diários começaram a se encadear tanto na matéria, como no tom, na atitude. O pseudônimo virou personagem, e personagem-autor, no qual se projetava, em parte, o autor verdadeiro. De pseudônimo converte-se, assim, em heterônimo. (...) Belmiro saía-me da pele, mas seria difícil apurar até que ponto. (...) O certo é que esse sócia passara a incomodar-me. (ANJOS, 1976, p. 17)

Cyro chama seu heterônimo de sócia, momento no qual o próprio criador se engana e, ao mesmo tempo, tem razão, visto que Belmiro, em alguns quesitos, tinha poucas características semelhantes a ele. Cyro transparecia um ar sério e acadêmico, ao passo que Belmiro era descontraído e irônico, e, às vezes, até cômico; no entanto, se assemelhavam na maneira como concebiam a linguagem, que era, para ambos, clara, formal e objetiva, apesar de Belmiro brincar bastante

com a mesma. Comparemos, respectivamente, o tom literário em trechos da crônica “Curitiba e seu clima civilizado”, de Cyro dos Anjos, e da “Dos diversos sentidos do vocábulo *vago*”, de Belmiro Borba:

Curitiba, com seu clima londrino, com sua cerração e seus arredores, foi um espetáculo inédito para nós, mineiros itinerantes, em viagem de confraternização universitária. (...) Cada dia de nossa permanência em Curitiba, era destinado à visita de duas ou três casas dessa natureza; em um desses dias pudemos conhecer o Asilo de São Luiz, custeada pela generosidade do povo. Deve ter sido umas das visitas mais interessantes de nossa caravana universitária, pois nós saímos de lá com inveja da madre superiora, uma criatura singela e extraordinária, meio santa, meio mãe para os meninos. (ANJOS, 1929, s. p.)

Naquele tempo e na redação do antigo *Diário de Minas* (onde nasceram os dois vocábulos [“vaguidão” e “vago”]) o seu sentido não estava fixo em definitivo e pode-se dizer que sua significação variava conforme a pessoa a quem se aplicava o adjetivo. (...) Há pouco tempo, já querendo estabelecer a etimologia dos dois vocábulos, o Dr. Lincoln Kubitschek opinou que um e outro deviam se originar da palavra de técnica de fisiologia nervosa “vagotonia”. (ANJOS, 1933, s. p.)

Em ambos, os trechos podem-se verificar uma escrita concisa e a presença de linguagem semelhante para os dois narradores, isto é, o cronista enquanto Cyro dos Anjos, no primeiro trecho, e o heterônimo-cronista Belmiro Borba, um desdobramento de seu criador, no segundo. Para analisar o tom irônico típico de Belmiro Borba e o tom mais sério de Cyro dos Anjos, colocando-os em paralelo para que sejam mais facilmente detectados, observaremos os seguintes trechos de ambos os narradores, na mesma ordem, nas crônicas “O latim, questão sentimental” e “Os indispensáveis fósforos”:

De tempos a tempos se discute o problema do latim, e insistente pergunta volta a formular-se: haverá conveniência em ensiná-lo nos ginásios e liceus, quando os programas já se acham tão sobrecarregados de outras matérias, porventura mais necessárias àqueles a quem devemos proporcionar uma provisão de conhecimentos, que lhes facilite abrir caminho, na dura luta de nossa época? (...) Todavia, ficou-nos a impressão de que algo de

substancial falta à cultura contemporânea: o domínio do latim. E disso adveio, para a nossa geração, um complexo de inferioridade. Não retomarei, aqui, a discussão do problema, que é matéria para especialistas, e apenas faço conjecturas. (...) Entretanto, o latim dói como um remorso, e nem por isso se elimina a sensação de menosvalia que nos ficou da luta com as gramáticas. Expliquemo-la como simples curiosidade não satisfeita. (ANJOS, 1946, s. p.)

Ando vago. Ontem saí de casa sem fósforos e com um cigarro na mão, à espera de fumo. Tenho o máximo cuidado em abastecer-me de tabaco e prover-me de fósforos, cada dia. (...) Diabo leve o vielo. A gente também não deve estar assim tão escravizado. Ora, veio o bonde, o bonde me levou com esta preocupação: estou sem fósforos. (...) Mas, eu poderia esquecer tudo, menos os fósforos. (...) Sujeito burro aquele do banco da frente. Ele está me vendo com o cigarro na mão, sem poder fumar, e não se lembra de oferecer-me o seu cigarro aceso. Devo pedir-lhe isso? Não devo? (...) Virá perguntar-me uma porção de coisas. Estranhará que eu não seja casado. Um homem dessa idade e não se casou? Por quê? Há tantas mulheres aí para casar, esperando marido. Era capaz de dizer-me que ainda acharei casamento, se quiser. Não. Não lhe pedirei fogo. (ANJOS, 1934, s. p.)

Nota-se que não apenas o efeito da linguagem que, apesar de semelhante em ambos os narradores, é peculiar a cada um deles. Também os temas abordados por cada narrador se distinguem, visto que Cyro normalmente trata de questões mais *aproveitáveis* de um ponto de vista social, ao passo que Belmiro trata, sobretudo, de assuntos relacionados à sua vida e à sua individualidade, casos interessantes aos leitores curiosos, sem importância para leitores normalmente preocupados com o todo social.

Ter um original na gaveta era, de certa forma, comum para quem publicava crônicas em jornais. Então circulou a notícia de que Cyro estava programando o lançamento de um romance sobre esse Belmiro Borba. Na verdade, não estava planejando isso, mas como na época publicar um livro era algo prestigioso, deixou que o boato se propagasse. Pouco mais tarde, essas pessoas cobravam do escritor o livro, que nunca saía, do qual não havia nem mesmo uma página redigida.

Cyro, então pressionado, se pôs a escrever um livro que, quando publicado, em 1937, vem a se chamar *O amanuense Belmiro*, cujo personagem principal – ou

heterônimo – é o narrador do texto, o qual podemos tratar por *persona*, antes pseudônimo em suas crônicas. Em menos de dois meses, já havia terminado seu compromisso consigo mesmo de dar a seus leitores uma obra sobre essa personagem-heteronímica que esperavam. Curiosamente, Cyro só se tornou romancista devido a essa cobrança, pois, na verdade, não tinha qualquer pretensão de se tornar escritor ou intenção de escrever esse livro:

Criara-se um imperativo moral, e eu não queria passar como impostor. (...) entrou em cena o acaso. Uma imprevista conjunção de astros veio, de repente, livrar-me, por quase dois meses, da carga que me esfolava o lombo. E sucedeu isso numa quadra em que eu andava em alta ebulição lírica. (...) Eu, que sou lerdo de escrita, disparei a escrever (...). Havia o núcleo inicial, a célula matriz: uma criatura e seu temperamento. Nada mais. Nem um esquema, nenhum plano. O resto foi vindo meio desordenadamente. (ANJOS, 1976, p. 18)

Prova desse procedimento é que suas ficções posteriores, além de terem sido em pequeno número, demoraram muito tempo para serem escritas e foram lançadas esporadicamente, o que demonstra que ser romancista não era sua atividade principal, mas sim a de cronista e funcionário público. Ele afirma ainda nunca ter imaginado ser escritor e que “foi o exercício da crônica diária que” o “levou ao primeiro romance” (ANJOS, 1976, p. 18), nessa ocasião citada.

Nota-se isso por *Abdias* (1945) ter sido escrito durante dois ou três anos; quase dez anos depois veio *A criação literária* (1954); *Montanha* (1956), dois anos depois do último, foi escrito em quase dez anos; *Explorações no tempo* (1963) veio mais de cinco anos após a última publicação; *Poemas coronários* (1964) veio logo em seguida; *A menina do sobrado* (1979), cuja obra contém um capítulo, o “Santana do Rio Verde”, que foi antes publicado como um livro isolado, *Explorações no tempo* (1963), foi publicado mais de dez anos depois. Dessas ficções, pode-se afirmar que o primeiro tem um estilo semelhante a *O amanuense Belmiro*, o qual alguns críticos, como Antônio Cândido (citado por ANJOS, 1976), afirmaram haver esmaecido o reflexo do Belmiro em *Abdias*; o segundo – *A criação literária* – trata de uma seleção teórica de ideias alheias sobre o ofício do escritor e do fazer literário; o terceiro está

diretamente relacionado com o contexto social da época, podendo também ser chamado de *romance à clé*, sobre o qual há um boato de que a cidade em questão, Montanha, existe com outro nome; o seguinte trata de memória da vida, de fato, do escritor; o quinto trata de poemas feitos logo após um infarto sofrido, quando o autor pensou estar ao leito de morte, tendo afirmado tê-los escrito ao achar que logo faleceria, sem nenhuma pretensão de escritor nem escrúpulos literários; e o último trata, também, de suas memórias, desde a infância.

Cyro tinha preferência pelos romances em primeira pessoa, de caráter autobiográfico, na forma de diário, o que, segundo ele, confere maior credibilidade ao narrado. No entanto, há um inconveniente nesse tipo de narrativa, visto que os leitores, na maioria das vezes, associam a figura do narrador à do autor. As narrativas realmente autobiográficas são as memórias que ele publicou, com o título de *A menina do sobrado*, na qual os acontecimentos vividos têm um ligeiro tratamento ficcional. Aqui nos deteremos ao estudo de suas narrativas em forma de diário, de seus heterônimos Abdias e, mais detalhadamente, Belmiro Borba.

Como o próprio Cyro afirmou, Belmiro foi criado a partir das crônicas escritas em jornais mineiros, tendo aos poucos se dissociado da figura do autor, deixando de ser seu pseudônimo e transformando-se em personagem-autor, que depois tomou novo rumo e vida própria, sendo um heterônimo, um *eu-outro* de Cyro dos Anjos. À diferença de Fernando Pessoa, grande criador de heterônimos, Cyro era bastante consciente em suas criações, sendo caracterizado por Antônio Cândido de escritor do tipo estrategista, isto é, que domina as técnicas e realiza bastante reflexão até que inicie a ficção, que não é apenas dotada de imaginação, como seria a de um escritor do tipo tático, isto é, baseado apenas na inspiração (CÂNDIDO, 2006, p. 5-6). A partir dessa estética, pode-se dizer que ele não foi somente um escritor, mas vários, no sentido em que seus romances têm uma maneira de escrita peculiar a cada um de seus narradores-heterônimos. No entanto, no âmago de cada uma de suas obras, há um caráter peculiar que faz o leitor remetê-lo ao seu criador como sendo um caráter tipicamente seu, ou seja, um traço comum entre todas suas

criações-heteronímicas. Certamente há uma pluralidade de *personae* que se torna *una* quando deparado com esses traços.

Um traço em comum nas obras de Cyro é a semelhança de comportamento entre seus heterônimos Abdias e Belmiro Borba e, por isso, talvez possamos chamar aquele de pseudônimo deste, como numa estrutura em abismo. Ao ler o diário íntimo dessas duas *personae*, nota-se que um parece espectro do outro, sobretudo no forte sentimentalismo que expressam. Vejamos, a princípio, um trecho do início e do final do diário de Abdias, retirados da crônica intitulada “Curva de uma paixão”:

DA PAIXÃO DE AMOR – O homem de quem a paixão se apoderou é comparável a um dia enevoadado. Como, num dia enevoadado, supomos que todas as coisas do universo se nublaram, e, entretanto, a vida fulge, além, e o sol brilha sobre os prados e os montes, assim o coração do apaixonado lhe tolda a vista do mundo. Debate-se, atormentado, com a sua paixão e as suas quimeras. Não pode varar a névoa – todavia tão tênue! – e alcançar, lá fora, a vida clara e tranquila.

DA ESTERILIDADE DAS PAIXÕES – Da esterilidade, que me veio com as agitações do amor, infiro que a paixão amorosa é, em essência, incompatível com a criação artística. (...)

Responder-me-iam que não é sob o império, e sim com as reminiscências da paixão amorosa que o artista molda a sua obra. Eu objetaria, então, que o verdadeiro artista só ama na medida em que o amor constitui estímulo, para a criação. A arte é paixão mais que todas exclusiva, e supera aquelas que, como a amorosa, estão a serviço de um meio, e não de um fim. O artista procurará, no amor, apenas a excitação intelectual ou a paz física. (ANJOS, 1948, s. p.)

Em seguida, observemos um trecho do diário de Belmiro, antes escrito na crônica “Carnaval lírico”:

A certo momento, alguém me enlaçou o braço, cantando: “Segura na mão, segura na mão, segura na mão, não deixes partir o cordão...” O braço que se lembrou do meu braço tinha uma branca e fina mão. Jamais esquecerei: era uma branca e fina mão. Olhei ao

lado: a dona da mão era uma branca e doce donzela. Foi uma visão extraordinária. Pareceu-me que descera até a mim a branca Arabela, a donzela do castelo que tem uma torre escura onde as andorinhas vão pousar. Pobre mito infantil! (...)

Efeito de excitação de espírito em que me achava, ou de qualquer outra perturbação, senti-me fora do tempo e do espaço, e meus olhos só percebiam a doce visão. Era ela, Arabela. Como estava bela! A música lasciva se tornou distante, e as vozes dos homens chegavam a mim, lentas e desconexas. Em meio dos corpos exaustos, a incorpórea e casta Arabela. (...)

Não me lembra quanto tempo durou o encantamento e só vagamente me recordo de que, em um momento impossível de localizar, no tempo e no espaço, a mão me fugiu. (...)

O mito donzela Arabela tem enchido minha vida. Este absurdo romantismo de Vila Caraibas tem uma força que supera as zombarias do Belmiro sofisticado e faz crescer, desmesuradamente, em mim, um Belmiro patético e obscuro. Mas vivam os mitos, que são o pão dos homens. (ANJOS, s.d., s. p.)

Porém, o mais curioso é que Belmiro parece a versão de um homem, em suas próprias palavras, como se pode verificar por exemplo nas crônicas “A mulher da esquina” e “Grand Hotel”, “quarentão” (ANJOS, 1933, s. p.) e “solteirão” (ANJOS, 1933, s. p.), ao passo que Abdias se parece com esse mesmo homem, só que casado. Parece haver aí uma escolha proposital de formas de vida para tentar diferenciar um narrador-personagem do outro. E Cyro, por sua vez, tem aspectos de sua vida semelhantes a ambos os heterônimos, sobretudo a Abdias, já que este era como o criador, isto é, casado e professor, tal qual a *persona* em questão: “A literatura é percebida como reflexo ou espelho do real, capaz por sua vez de transfigurar esse real” (LOURENÇO, 1986, p. 31). Cyro não estaria, então, ao criar heterônimos, refletindo determinados aspectos de sua vida em suas criações, como propõe Eduardo Lourenço? Esses heterônimos, na verdade, se aproximam e se afastam, demonstrando a veracidade do que o crítico discute: a unidade profunda de *personae* superficialmente diferentes.

Na própria escrita que Cyro elege para cada um desses seus heterônimos, a marca da heteronímia pode ser encontrada. Enquanto Belmiro é um autor irônico, bem-humorado em sua narrativa, seu criador tem uma escrita mais séria, mais

objetiva em relação ao primeiro, bem como Abdias. O criador Cyro dos Anjos tem uma escrita mais poética e literária enquanto *persona* de Belmiro Borba, mas não quando usa seu nome próprio nem seu heterônimo Abdias, o que não exclui o demasiado sentimentalismo, e às vezes um pouco da poética belmiriana. Talvez as *personae* de Cyro se tornem única *persona* a partir dos traços semelhantes, pois, por exemplo, Belmiro e Abdias têm caracteres em comum e, também, se relacionarmos Cyro com o primeiro ou com o segundo, encontraremos semelhanças. Talvez esses traços sejam a união do espectro heteronímico como um arco-íris se torna uma luz branca ao passar pelo prisma: “A heteronímia pode ser uma conciliação entre a *diversidade* evidente e a *unidade* profunda” (LOURENÇO, 1986, p. 31).

Nas crônicas de um de seus heterônimos, o Belmiro, encontram-se algumas atividades exercidas por ele, como dentista, e, também, características de seu caráter, como traços de metafísico e analista, por exemplo. Vejamos, respectivamente, alguns trechos das crônicas “Vida íntima de um dentista”, “Um Borba metafísico” e “Das caminhadas inúteis”:

Diz-se de mim que sou um dentista espiritual, e isso, de certo modo me consola da escassez de clientela neste meu gabinete de terceiro andar. (ANJOS, 1933, s. p.)

Não sou eu o primeiro caso metafísico no clã dos Borbas. (ANJOS, 1934, s. p.)

(Como a chuva me põe metafísico!). (ANJOS, 1934, s. p.; parênteses no original)

Se essas características mencionadas nas crônicas de autoria de Belmiro Borba forem colocadas em paralelo com as obras de Cyro, seu criador, pode-se traçar toda a vida e a personalidade de Belmiro por inferência, pode-se entender *personas* que são reais na medida em que possuem uma vida, ainda que na imaginação de seu criador e, por conseguinte, na de quem as lê ou escuta sobre elas falar. O único problema a ser encontrado nesse caso será achar o referencial para esse ser. Assim, busca-se o referencial na imaginação a partir das palavras criadas. Belmiro e as demais *personae* são o objeto e o simulacro, o signo e o referencial.

Essa ação de criar seres, praticada por Cyro e por Pessoa, é uma novidade na arte literária, visto que seus olhares são transformadores da naturalidade do senso comum, em relacionar, neste caso, um nome a um corpo. Não há mais referencial tocável, visto que esse é, agora, imaginário, mas não no sentido abstrato. Dessa forma, o que se parece real é, com efeito, ficção por não haver algo a que se remeta em sua referência no mundo em que vivemos, ou seja, um criador de heterônimos está entre dois mundos – o mundo real na realidade propriamente dita, e o mundo semelhante ao real, verossímil, mas que possui pessoas que não existem senão no imaginário ou no papel, talvez sejam os seres de papel ou de linguagem, como realça Wander Melo Miranda:

O pacto fantasmático, feito na autobiografia, ao realçar o desdobramento do autor em figuras e “personagens” diversos, permite entrever, já em processo, a noção de autor como *ser de papel*, e a da autobiografia não como a representação verídica e fiel de uma individualidade, mas como uma *forma* de encenação ilusória de um eu exclusivo. (MIRANDA, 1992, p. 38)

Nesse caso, é levado em consideração o fato de que autor, narrador e personagem sejam a mesma pessoa, ou seja, desconsidera-se Cyro nesta análise como autor do autor Belmiro e considera-se este como ser de papel, isto é, um autor imaginário.

Essa *persona* de Cyro, o Belmiro, decide escrever um livro de suas memórias, o qual acaba se transformando em diário, *O amanuense Belmiro*. Este também pode ser entendido como autobiografia incompleta, já que decide interrompê-la aos trinta e oito anos de idade, bem antes da idade em que normalmente os Borba morriam: “em média, (...) vão até aos setenta, mesmo com o coração descompensado” (ANJOS, 1979, p. 187). Talvez a narrativa belmiriana termine não com o fim de sua vida, mas com o fim da complexidade psicológica do narrador, afinal sua vida passou a ser pobre e sem graça, sem novidades importantes. Se sua vida já era e parecia sempre ter sido pacata e monótona, agora isso se tornara ainda mais acentuado, já que antes ele ainda encontrava algum fato razoavelmente interessante para narrar. Por ser um homem tão analista, via na simplicidade das

coisas algo para contar de maneira interessante e até conseguia fazer a coisa parecer relevante. Parece que nosso narrador se cansou disso e preferiu descansar e esperar seus setenta anos chegarem, idade comum para os Borba morrerem.

É curioso, porque, com efeito, Abdias também parece terminar seu livro quando termina a complexidade de seu sentimento por sua aluna Gabriela. E este heterônimo é também analista, uma vez que não tenta colocar em prática o amor que nutria pela adolescente; é um observador. Isto é, a única intenção ao redigir o seu diário era relatar o amor pela jovem, como parece que a única razão dessa paixão era redigi-la em seu diário. Tal qual foi Belmiro, que amava mais o mito da donzela Arabela e sua ilusão pela jovem por quem era apaixonado do que à própria jovem, a Carmélia.

Parece, então, que a mais provável diferença entre Belmiro e Abdias é que aquele escrevia sobre temas diversos, ao passo que este se restringia ao seu diário. Essa diferença entre eles se dá também pelo fato de que Belmiro simpatizava pela escrita de crônicas, gênero que não se limita apenas ao cotidiano individual, apenas ao sentimento e pensamento interiores, ou sobre sua própria vida, indo também de encontro com a minuciosidade cotidiana em geral, relatando de modo ficcional e criativa a realidade de outros indivíduos e fatos desprezíveis. De qualquer forma, para ambos, tendo em vista a complexidade dessas *personae*, ao término de um “assunto” que supostamente é interessante para elas, preferem terminar, também, suas narrativas, aliás, preferem interromper seus diários, julgando não haver mais algo de interessante que possa ser redigido ao se basear em suas vidas. Terminam assim seus diários. “Vida partida, narrativa partida, homens partidos” (SANTIAGO, 2006, p. 68). Porém eles continuam a vida, agora um tanto sem sentido, aguardando, por fim, a morte de fato, porque a verdadeira termina quando a letra se esgota.

CONCLUSÃO

No artigo apresentado, chegou-se à conclusão de que Cyro dos Anjos é um criador de heterônimos, tendo tanto a escrita do ortônimo (o criador de heterônimos que publica em seu próprio nome, constituindo-se em mais uma *persona*. Ou seja, é o autor com existência real (e de nome real)) quanto a de seus heterônimos um caráter belorizontino. A partir de 1927, inicia sua escrita de crônicas em jornais na cidade de Belo Horizonte, onde viveu a maior parte de sua vida e hoje se encontra todo o seu acervo profissional e pessoal, no Acervo de Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais (AEM/UFMG). Desde o início de sua vida literária, Cyro encantou o imaginário de seus leitores com seu pseudônimo Belmiro Borba. Como o próprio autor afirmou, tudo começou com a criação desse pseudônimo para assinar as suas crônicas. Segundo ele, a recepção foi tão favorável e todos estavam sempre aguardando novas publicações sob assinatura desse “autor”. Foi assim que ele decidiu publicar um livro sobre esse (ou “desse”) “personagem”. Foi uma cobrança generalizada de seu público. Tendo isso ocorrido, e Belmiro cada vez mais tomando vida própria e deixando de existir a partir de seu autor, transformou-se em personagem e, depois, tomou traços peculiares. No artigo foram demonstrados seus processos de evolução, que finalmente culminam na heteronímia, ou seja, uma *personae* independente de seu criador Cyro dos Anjos. Também foram analisados os processos de criação do heterônimo Abdias, bem como a relação entre, principalmente, os três “autores”: Cyro, Belmiro e Abdias.

RESUMEN

El trabajo del escritor Cyro dos Anjos, denso, pero poco numeroso, consta de siete títulos, entre ellos *O amanuense Belmiro* (1937) y *Abdias* (1945), tratados en este trabajo. En algunas de estas obras están presentes elementos que ya han sido estudiados en obras de escritores de gran importancia, como Fernando Pessoa. En este caso, la cuestión de la heteronomía tendrá relevancia, pues, aunque poco estudiada, es importante para una mejor comprensión de su obra. En las novelas en

forma de diário -*O amanuense Belmiro* y *Abdias*- el creador se retira de la escena, dejando sus heterónomos Belmiro Borba y Abdias no sólo como personajes principales, sino también como narradores y pseudoautores de estas narraciones. Hay, para cada una de estas obras, una escritura de forma diferente, peculiar al heterónimo en cuestión. Debido a su importancia, más atención se le dará a Belmiro, no sólo en su novela-diario, sino especialmente en algunas de sus crónicas publicadas en periódicos mineiros, de 1933 a 1935. También se estudiarán algunas crónicas firmadas por el propio escritor Cyro dos Anjos, desde 1927 a 1956, intercaladas con autoría de Belmiro, en un total de aproximadamente 400 crónicas que están en revisión para publicación. Por lo tanto, habrá un análisis de la escritura de estos heterónomos y del propio creador Cyro dos Anjos, con el objetivo de mostrar la función de los personajes creados por el escritor en su relación con los procedimientos artísticos utilizados.

Palabras clave: Literatura brasileña, Cyro dos Anjos, crônica, heteronímia.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Cyro dos. “Carnaval lírico”, sem nome de jornal, s/d.

ANJOS, Cyro dos. “Curitiba e seu clima civilizado”, *Diário de Minas*, 1929.

ANJOS, Cyro dos. “Curva de uma paixão”, sem nome de jornal, 1 ago. 1948.

ANJOS, Cyro. “O latim, questão sentimental”, *A Manhã*, 21 jul. 1946.

ANJOS, Cyro dos. Entrevista: *Cadernos de Teoria e Crítica Literária*, n. 9, jul. 1976.

ANJOS, Cyro dos. *O amanuense Belmiro*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.

BORBA, Belmiro [Cyro dos Anjos]. “A mulher da esquina”, *A Tribuna*, 19 jun. 1933.

BORBA, Belmiro [Cyro dos Anjos]. “Das caminhadas inúteis”, *A tribuna*, 22 dez. 1934.

BORBA, Belmiro [Cyro dos Anjos]. “Dos diversos sentidos do vocábulo vago”, *A Tribuna*, 24 abr. 1933.

BORBA, Belmiro [Cyro dos Anjos]. “Grand Hotel”, *A Tribuna*, 16 jul. 1933.

BORBA, Belmiro [Cyro dos Anjos]. “Os indispensáveis fósforos”, *A Tribuna*, 30 dez. 1934.

BORBA, Belmiro [Cyro dos Anjos]. “Um Borba metafísico”, *A Tribuna*, 27 dez. 1934.

BORBA, Belmiro [Cyro dos Anjos]. “Vida íntima de um dentista”, *A Tribuna*, 26 abr. 1933.

CANDIDO, Antonio. *Suplemento Literário*, ago. 2006, n. 1293.

LOURENÇO, Eduardo. *Fernando, rei da nossa Baviera*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1992.

SANTIAGO, Silvano. *A vida como literatura: O amanuense Belmiro*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.